

IX ENCONTRO DE DIALOGO DE BISPOS E EMPRESARIOS
18/19-Novembro de 2011 – Período da manha

Vivemos a quarta globalização – uma nova perspectiva de interação entre os povos.

Tudo se comunica com tudo – isto cria um mundo de possibilidades, mas, também de apreensão,

É também a era do conhecimento, e disto deriva a relevância da educação.

Conhecimento que deve ter a pessoa como centro e referencia do processo,

Educação, escola, ensino... é o núcleo, mas, essa pessoa, esse centro, muitas vezes é esquecida, por isso, somos chamados a ocupar os espaços para resgatar o processo educativo e a centralidade das pessoas, conforme a nossa compreensão cristã da Doutrina Social.

Esta compreensão cristã deve ser a guia diante dos desafios e disfunções que não incorporam os valores evangélicos, visando o imediatismo e o materialismo do curto prazo, deixando de fora a esperança e a promessa de uma vida futura.

O desempenho das atividades empresariais tem como requisito fundamental o processo educativo de seus quadros. Os desafios das mudanças, que transcendem os aspectos operacionais, nos exigem formar cidadãos, homens e mulheres integrais, que vivem interligados com outros homens e mulheres em todo lugar.

As decisões do presente devem ser tomadas sobre a interpretação do futuro, de seus cenários.

O PNUD foca sobre o tripé educação – saúde – renda o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. Este índice comparado entre cada país nos mostra os enormes espaços a vencer, e o impacto da educação no progresso dos povos, no seu IDH.

O crescimento do valor do capital humano se demonstrou muito mais importante na evolução das nações do que o crescimento do capital material.

O desafio da escola de hoje e muito diferente daquele do passado.

Não podemos ficar só discutindo no ensino, na transmissão, temos que evoluir para o conceito de aprendizado.

Vários projetos concretos começaram a ser mencionados, todos eles, quando falamos de progresso tem como comum denominador a educação.

O desafio imediato é saber ler, entender, assim como uma formação moral e cívica, baseada em valores e princípios éticos e humanos.

Alguns números mencionados: 56% de pessoas cursando o ensino superior são mulheres, 66% dos formados também são mulheres. Isto terá muita influencia na visão do mundo do trabalho.

Outros números, agora muito ruins: em nosso país, só 17 por mil dos jovens tem acesso ao ensino superior, índice pobríssimo.

A educação, como foi falado, tem uma influencia muito grande no calculo do IDH e na forma na qual os países desenvolvem, utilizam e se apropriam da tecnologia.

Parece importante agregar ao processo educacional também o conhecimento da história e da arte, hoje menosprezados em qualquer currículo.

Outro elemento importante a considerar neste contexto inicial de diálogo é o binômio educação e nutrição, um não pode se desenvolver sem o outro.

O processo educacional tem também que se integrar ao contexto da natureza, do meio ambiente, das realidades regionais, como foi citado a título de exemplo, na nova realidade rural.

Como fazer para que informação e o discernimento – que juntos formam a sabedoria – possa ser um eixo de trabalho.

ADCE pode ser um motor de mudança, de transformação.

Outro desafio parte da fragmentação do conhecimento, um conhecimento baseado, quase que exclusivamente na experiência mediática, na concepção visual. Devemos integrar a leitura, a escrita, à visualidade, e suas relações com a sociedade, seus agentes, incluindo dentre eles a empresa.

As demandas do mundo do trabalho são muitas, mas, concomitantemente, as pessoas que podem satisfazer essa demanda não estão capacitadas nos requerimentos da especialização, da tecnologia.

A escola, neste contexto assume um papel fundamental.

Temos um abismo a vencer, um grande salto qualitativo a fazer, mas, ainda não o fizemos.

Cabe nós perguntar que tipo de escola queremos, que tipo de professores, mestres serão os motores dessa nova escola.

Como um exemplo de ação com participação da ADCE, respondendo em parte essa escola que queremos, foi citada a introdução da disciplina de “empreendedorismo Cristão, na Universidade de Caxias do Sul, visando a formação do homem integral, com técnicas, com ferramentas, mas também com valores.

Seu índice de aceitação entre os alunos, após vários anos de realização é muito elevado.

Não nos esqueçamos do princípio da subsidiariedade. Quase todas as paróquias têm sua escola, mas, por dificuldades econômicas muitas estão sendo fechadas, as soluções não aparecem.

Como não perder o conseguido? Como assumir nossa parcela de responsabilidade nesta realidade?

Focando novamente na escola que queremos, surgem vários outros temas, como por exemplo, há falta de professores, sobretudo na área de exatas – física, química e matemática -. Isto acontece por aspectos errados de orientação ideológica, pois, não se quer promover esse tipo de formação, não interessa valorizá-los. Por outra parte temos o problema da legislação trabalhista, também influenciada por tendências ideológicas que impedem a remuneração diferenciada por competência, por mérito. As necessidades existem, mas, quem supre as atividades de formação?

Ao mesmo tempo dizemos que o processo educacional deve responder ao mercado, mas, parece que responder ao mercado não considera a reflexão sobre o bem comum, a ética e o humanismo. A atividade professoral, sobretudo no ensino fundamental e médio, não está valorizada nem atrai pessoas com vocação.

A relação entre economia e escola é uma relação dialética que tem no professor um elemento esquecido. Esse professor não só deve fazer frente aos aspectos específicos de ensinar, como também integrar-se na realidade na qual está inserido como a violência, a desnutrição, etc. Como integrar os alunos às comunidades? Como fazer do professor um motor efetivo dessa integração?

Que está acontecendo com as carências de infraestrutura? Como isto está influenciando no próprio desenvolvimento da economia? As discussões permanecem sempre presente, mas, os projetos não saem, a economia não se desenvolve. Esta realidade econômica também influi na educação.

Não nos esqueçamos de que o processo educativo nasce na família, amar, compartilhar. E sobre isto que se agregam os outros conhecimentos, como economia, empreendedorismo, tecnicidades, etc. A empresa se insere neste desafio e ela também deve ensinar a partilha.

Em nosso Brasil de hoje, a escola não pode ser considerada um verdadeiro valor, e muito mais um discurso. Reconhecemos que começa a despertar a novas realidades, mas, ainda muito embrionário. Será que os pais, continuam a realizar, através da escola familiar o ensino do simples, dos valores, dos comportamentos basilares dos filhos?

E importante lembrar a mensagem papal, quando na “Caritas in Veritatis” menciona o fato de estarmos colocando muita esperança nas Instituições.

Que espaços podem ser ocupados para mudar isto?

Como permitir que os formados sejam, de fato, os agentes de valores dentro das instituições?

Considerando a dificuldade desse acompanhamento familiar, temos que reavaliar a possibilidade do ensino período integral. Além disso, também constatamos a necessidade de formação técnica como algo premente para o Brasil.

Outra realidade a considerar é o Ensino a Distância – EAD – como uma real oportunidade, muito interessante considerando a dimensão continental do Brasil, mas, devemos cuidar para que transcenda o aspecto comercial. A relação do ensino – aprendizado deve resgatar a responsabilidade da família como autoridade, como agente de motivação.

Neste contexto surge também a necessidade de parcerias da área empresarial com o poder público, na requalificação do trabalhador, na subsidiariedade do ensino na periferia como reforços de competências e outras aplicações.

O trabalho de integração da Igreja e empresários, profissionais liberais, etc. aparece como muito mais força com o pequeno empresário, na periferia.

Um dos segredos desta relação, desta integração é saber acolher, receber, ouvir.

Outro fator de integração é a complementaridade de competências, por exemplo, na profissionalização da administração dos bens da própria Igreja.

Os universitários estão muito mais orientados a si próprios, do que na reflexão e compromisso com a participação social, com a participação no processo político, na transformação do país. Devemos trabalhar sobre isso.

Economia – Educação – Valores. De que economia estamos falando? Como resgatar a participação da família no processo de formação das pessoas? Como colocar a família em volta da mesa, mesa do pão, Mesa da Eucaristia..

Qual pode ser o unificador, o conector, entre as perplexidades, conquistas e dificuldades de nosso processo e de nossa experiência educacional?

Uma figura que pode representar esse unificador são as catedrais – Arte, conhecimento, cosmos, etc..) todos integrado como agradecimento à criação... Que pode assumir hoje a função dessa catedral?

Era do conhecimento – Era da comunicação,

Nossas escolas formam hoje mão de obra, necessitamos formar empreendedores.

A empresa pode, através de seus investimentos, como universidades corporativas, aplicação de EAD, e outros meios, formar, transformar, não somente os aspectos técnicos, mas o homem como um todo.

Muitos exemplos de pessoas de grande sucesso não têm formação completa, isso traz confusão nos jovens..

Uma área de esforço e investimento deve ser sobre ensino fundamental, mas, não necessariamente – ou somente – sobre as crianças, mas, sobre as professoras e professores que atuam sobre elas.

Dentro deste processo educativo é necessário levar a idéia contida no texto “rentabilidade dos valores” e do “protocolo” a todo o empresariado. A CNBB está apoiando esta idéia.

Esse conector mencionado deve ser encontrado, deve ser construído, por que não um “Brasil Campeão”, como bandeira de aglutinação?

Liderança inflama, entusiasmo, pensemos em liderança para um Brasil campeão, com valores,

Precisamos de um país de líderes. Este pode ser o desafio de um processo novo, o desafio do salto qualitativo por todos mencionado e querido.

Há muitos trabalhos individuais, muitos projetos pessoais, que nos levam a estar aqui, mas..., como colocar a mão na massa?

Como considerar de forma simples, trabalhar no desafio da educação? Nos funcionários, nas nossas empresas, nos grupos sociais que estão perto de nós..

Devemos reconsiderar também, o fato de que escola que não se paga, não se considera como valor, nem da escola nem da educação

Escola de tempo integral é difícil, mas, e possível fazer da casa uma extensão da escola, sempre que o ambiente o permita.

O próprio ambiente da escola deve ser mudado, a dinâmica deve ser diferente, ensinar como um apreender, não por imposição, não por medo as provas. Há outros métodos de sucesso, o Waldorf por exemplo.

A participação da empresa – comunidade foi exemplificada quando uma empresa, ou algumas empresas, assumem uma escola publica através da complementaridade no reforço de português, matemática, interação pessoal em grupos, sempre como complemento, em apoio da escola

Há um problema estrutural nas verbas destinada a educação, convertendo o sistema em um processo de pedido permanente de esmolas.

E necessário que o sistema possa ser controlado pela sociedade civil, pelos empresários, para que as verbas sejam bem orientadas e aplicadas.

O foco deve continuar sempre a ser o ensino fundamental.

ADCE deve assumir seu papel neste processo, como já o fez com outras bandeiras, por exemplo, introduzir a ética nos negócios, o balanço social, etc.

Uma exigência deste processo deverá passar também pela reflexão com outras confissões, buscar uma linguagem e ações comuns.

Assim como envolver aos agentes políticos para que decisivamente se queira mudar e, que este desejo de mudança possa ser espelhado nas leis.

Embora com as dificuldades de conceituação do tema, e importante pensar na valorização do professor, de sua profissão.

A empresa é educadora, mas, também deve transcender a educação técnica, necessária e imprescindível, para focar também a pessoa na sua dignidade e na sua completude.

Foi lembrada também a responsabilidade insubstituível da empresa como agente de transformação e a sua relação com todas as partes interessadas.

Participando desta reflexão não parece coincidência o que será tratado no documento de trabalho do próximo sínodo episcopal.

Neste papeis um ponto adquire especial relevância: a Emergência Educativa, onde se discorre sobre a real missão da educação, sobre a redescoberta do significado para o educador, e outros desafios, sempre colocando a educação como um dom próprio e especial.

Outras realizações no âmbito educacional universitário em Caxias são o projeto de “espiritualidade no trabalho” como curso de pós-graduação, assim também como vários projetos de formação de lideranças, na empresa, no ensino fundamental, etc.

Em conclusão: e possível ensinar o Pensamento Social Cristão na universidade.

IX ENCONTRO DE DIALOGO DE BISPOS E EMPRESARIOS
18/19-Novembro de 2011
Período da tarde

Como nós, bispos e empresários podemos ser protagonistas no processo educacional?

O desafio é como colocar em pratica as idéias, utilizando o protagonismo que nos vem da Igreja, através da pratica do amor..

O ponto de partida deve ser a nossa fé, testemunhar o que cremos e aquilo que somos...

Já existem muitos valores no meio empresarial nos dias de hoje: sustentabilidade, responsabilidade social, gestão humana do trabalho, etc., todos com seu tributo indiscutível ao pensamento social cristão.

Em paralelo, há no sistema de ensino brasileiro, vários mecanismos de aferição do conhecimento, que são bons...

Mas, o problema está nas linhas ideológicas que querem passar valores, muitas vezes, em franco contraste com os valores cristãos.

Por exemplo, o Conselho Nacional de Educação tem proposto planos de revisão da educação da nossa infância, que esta trazendo, visões revisionistas da historia com critérios questionáveis, insistência na questão do gênero, no relativismo de escolhas, etc.

Será que só resta para nós, complementar ou suplementar aquilo que o Estado não faz? Ou, há que tomar um protagonismo, que influa sobre o conteúdo, sobre os valores e o como transmitir esse conhecimento?

Como vencer os preconceitos sobre a Igreja?

Como fazer frente ao “deixar de lado” os representantes do pensamento cristão, seja na hierarquia ou nos movimentos?

Uma das grandes demandas que tem as empresas, não e só por conhecimento, mas, por comportamentos e atitudes, por a capacidade de criar vínculos, pela capacidade de resiliência, pela capacidade de empreender. Estes conceitos não permitem deixar de aprofundar, por exemplo, o que significa a liberdade, e a liberdade tem profunda relação com responsabilidade.

Como pessoas que não tiveram estudo ou situações favoráveis tiveram sucesso no seu desenvolvimento?

Quais as possibilidades de escolha que eles tiveram?:

A liberdade “é um fardo pesado” para os seres humanos, que exige sempre deliberação constante.

Como trabalhar uma formação que não nos permite discernir entre o certo e o errado?

Quem assumiu isto? A quem delegamos esta capacidade de reflexão, de discernimento?

Não e possível fazer isto na família? E transferir isto a vida empresarial?

Certo, errado, segurança, situações criticas, são situações que nos comprometem no pessoal. Esse comprometimento não pode ser terceirizado...

O mediador, na escola, na família, na empresa, e uma função que pode ser apreendida, e seu aprendizado exige trabalho de partilha, de compreensão, o resgate dos valores, tudo no sentido da liderança,

As provocações iniciais foram ao núcleo do problema, como avançar sobre essas provocações? Alguns caminhos podem ser:

Utilizarmos das boas praticas nas nossas entidades, de forma simples e concreta;
Estabelecer ambiente para obras concretas que integrem educação e promoção social;
Promover cursos, formações, sobre temas como sustentabilidade, o trabalho inter-religioso,
Fazer ações demonstrativas de boas práticas que habilitem para a sugestão de políticas publicas

Não podemos esquecer a pressão sobre os representantes do poder público, uma ação política, ADCE deve refletir e exercer meios de pressão, sobre alguma bandeira, por exemplo, sobre a subsidiariedade.

Uma das coisas mais difíceis é trabalhar juntos, encontrar a “nossa catedral”, isto exige nos integrar, buscar prioridades e unificar esforços, outra proposta é:

Retomar a pessoa de Jesus Cristo, com tudo o que ela significa, toda sua completude.

Já está sendo discutidos, como foi na Europa, a utilização dos crucifixos nas áreas publicas, porque não propor um plebiscito, manter o ensino religioso, também sobre a utilização dos crucifixos nas escolas e áreas publicas ...

A consulta publica já foi bem sucedida na ficha limpa, por exemplo, porque não repetir o processo?

O preconceito contra a Igreja, e os católicos em geral, não só sobre a hierarquia, é uma nova forma de censura, que se converte aos poucos em um novo totalitarismo. Isto pode – e deve – exigir uma manifestação contra estes preconceitos.

A subsidiariedade e outro tema a trabalhar com afinco.

Em terceiro lugar, como criar vontade política, isto não quer dizer só pressão no governo, mas, como trabalhar com o povo, por exemplo, sobre educação.

Todo líder e atacado pelas minorias. Como católicos nos sentimos minoria, sendo maioria.

Vemos nos meios de comunicação, nos conselhos educacionais, como foi falado, manobras de verdadeiras minorias querendo impor seus pensamentos.

Outra constatação são os crescentes problemas emocionais que afetam as pessoas, adultos e crianças. Por quê? Será que a base está falha? E aí que temos que investir, não adianta colocar conhecimento sobre pessoas fracas.

As pessoas – colaborador, funcionário, empregado, associado – passam por um processo continuo de formação que nunca deve terminar, mas também, por ações que devem orientar se preocupem também da família, do lugar onde ele vive, onde está inserido.

Outro problema é, com escola única e currículo único, como trabalhar com o poder publico para que isto possa ser mudado, como dinâmica escolar, e como currículo.

Foi mencionado também, como na manha, como valorizar o professor, sobretudo na escola publica.

Como podemos ter o apoio do poder público?

Para que as políticas públicas sejam definidas e aplicadas, deve ser feito um profundo mapeamento de aliados e agentes que possam viabilizar todo o processo até a implantação dessas políticas...

Identificar aqueles que comungam dos nossos princípios, e definir uma estratégia de conquistas, com pequenos e exequíveis objetivos.

Uma experiência de relacionamento, um lobby bem entendido

Outra proposta:

Informação bem veiculada facilita a decisão empresarial.

Seria possível que os fiéis que vivem no mundo do trabalho como empresários de pequena ou média empresa e participam da vida paroquial, possam melhorar o seu desempenho se tiverem um processo educativo que facilita-se o processo de tomada de decisão? E desta forma ser parte ativa em um novo processo educativo.

ADCE poderia assumir isto.

Dicotomicamente podemos dizer que “valores” está mais perto dos bispos, e que a “economia” é mais familiar aos empresários, a educação pode ser o elemento de integração destes mundos.

Fazermos-nos um, ao redor de conceitos comuns que permitam ambas as partes trabalhar na construção da sociedade.

Isto poderia incluir colegas e pares de outras religiões, outras crenças.

Se tivermos ambientes com problemas, temos que nos organizar entorno desses problemas e desses ambientes, multiplicar as células leigas - que centradas na pessoa de Cristo - possam aprofundar o que, e o como, agindo no concreto

Se hoje a Igreja e os cristãos são vítimas de pré-conceitos é porque se acredita que não temos capacidade de mobilização.

Deve-se mudar essa situação, há que trabalhar sim, o ambiente político, os representantes para apoiar, controlar e orientar...

Outra proposta é utilizar o potencial de nossos colaboradores, daqueles que trabalharam conosco, para que possam ensinar escolhas, coisas simples transmitir, partilhar com outros aquilo que eles conhecem.

Essa partilha também deve ser algo comum entre nós, e ADCE pode e deve ser o espaço privilegiado dessa partilha.

As instituições de educação católicas não sabem muito bem como fazer a gestão orientada por valores. ADCE pode ser também o agente que trabalhe nessas instituições seja algum conteúdo com os alunos, mas também, a valorização do professor, trabalhando conceitos como mestria e profissionalismo com eles

Perguntamo-nos sobre que economia queremos trabalhar, mas é um fato que no sistema econômico atual tudo está orientado ao poder do compra. Isto deve ser mudado, temos que refletir no sentido de que a economia deve apreender a trabalhar sobre outros e novos domínios que não são objeto de um preço.

A educação não pode, por exemplo, prescindir daqueles que não podem pagar, inclusive para poder ser incluído dentre aqueles que podem consumir

O trabalho na empresa requer que todos os níveis tenham a mesma orientação.

Mas, entre nós, hierarquia / empresários, embora com grandes avanços nos últimos anos, há ainda certas dificuldades de compreender o trabalho do empresário, da ADCE

Os tempos de hoje são diferentes aos passados. No processo contra a ditadura a Igreja era um dos centros de resistência, no ambiente de liberdade, ela se converteu em vidraça.

Talvez falte foco no nosso trabalho, devemos identificar em cada momento histórico qual a agenda a trabalhar, encontrar a agenda comum.

Reconhecer as nossas diferenças, mas, reconhecer na teologia do batismo o tronco comum que nos orienta.

Ainda que não conheça a fundo a base, o contexto, sobre fatalismo há algumas coisas a dizer: como empresários devemos estar orientados a vencer as dificuldades, como organização, como associação ADCE's / Uniapac, há otimismo e esperança a difundir, há uma missão profética a desempenhar, e nunca podemos nos deixar vencer pelo fatalismo.

Muitos de nós tivemos dificuldades em recorrer a certos setores da Instituição Igreja para receber orientação, valores, trabalhar sobre temas como educar os filhos, etc.

Afortunadamente outros setores têm vindo em auxílio,

O trabalho com o empresário pode ser visto por analogia, há necessidade de integrar de ter valores comuns, de ter um processo de formação continuada

O Brasil tem 2100 instituições de ensino, 1400 empresas, destas 14% detém 35% do mercado, que implica 34 bilhões que estão atraindo investidores, a maioria estrangeiros,

Este Brasil necessita profissionais qualificados, isso é uma constatação na maioria das áreas de negócios, que não necessariamente estão cobertas pelos investimentos acima descritos.

Essa formação, eminentemente técnica, pode ser feita em todo lugar, inclusive no próprio canteiro de obras, e

possível e necessário.

Em alguns eventos mencionados, com participação de especialistas de diferentes países, sempre a conclusão foi: há que pensar e investir em educação, mas, isto cai frequente e rapidamente no esquecimento, como dito, fica no discurso...

Que estamos buscando hoje? Rever material didático, isto é negocio, os cursinhos, isto também e negocio... Grupos específicos trabalham desde a pré-escola até o ensino médio incluído, como um pacote, um pacote de negócios.. Falamos dos grupos internacionais investindo, certamente estarão trabalhando valores, quais?

Um dos problemas mais sérios é que a estrutura de escola única impõe restrições difíceis de transpor a todas as entidade de ensino, não da par sair dos eixos...

Há cursos específicos, que estão trabalhando para que o poder público aceite adaptar certos esquemas a novas realidades. Foi comentado o domínio de modas, design, etc.

E algo pequeno, mas, os campos das formações específicas podem ser um caminho para sair da camisa de força da escola única.

Como escola, igreja, empresa, família, podem trabalhar juntas se defendendo da interferência da mídia?

Uma interferência nos hábitos de consumo, em valores duvidosos, em abordagens sem capacidade critica.

Toda relação sempre implica um processo educativo, e em todas as relações a mídia esta presente, buscando influir, orientar, criar hábitos

As inquietações e propostas que surgiram durante estes momentos nos leva a algumas decisões que devem ser estudadas e tomadas.

A ADCE tem como sua missão principal o mundo da empresa e, em especial os empresários e executivos, para através de todos eles poder difundir e aplicar os princípios do pensamento social cristão e com eles a construção de um mundo melhor.

Há enormes desafios a vencer, ainda em aspectos bem operacionais, a isto somamos – nesta reunião os desafios da educação – surge como um dos caminhos a influencia ao poder político, de organização, de lobby, para expor e defender valores

E importante lembrar que a educação sempre foi uma preocupação de grupos católicos, no passado, no campo da alfabetização, hoje o desafio e mais amplo, e mais desafiador

Os processos educacionais todos implicam ciclos de uma geração, 20 / 25 anos.

Os exemplos externos, como Korea, demonstram isso, isto não foi feito em pouco tempo, mas, com muita vontade política, permanente através do tempo.

Em nosso país, ainda que queiramos manter otimismo, temos que reconhecer que as decisões de hoje, terão

resultados bem na frente.

Retornando aos preconceitos, há que trabalhar para virar o jogo, não se pode ficar na defensiva.

Temos a responsabilidade de formar novos professores e mestres, apoiar líderes e formadores com valores, há necessidades básicas a satisfazer e temos ações a tomar urgentemente

Retornando novamente aos preconceitos, não esqueçamos que temos força, social, econômica, de mobilização, embora grandes desafios a vencer, empresários, igrejas, associações podem assumir a sua responsabilidade, resistência passiva, movimentos, etc. não podemos agora dizer quais, mas, ações devem ser planejadas.

ADCE deve tomar ações, ambiciosas, concretas.

Quanto mais ambicioso, mais motivador, mais temos a certeza de atingir melhores metas.

Em termos de educação, todo o poder público está envolvido – Federação, Estados e Municípios - há que trabalhar para oferecer novas políticas públicas, escolher objetivos ambiciosos porém através dos mínimos possíveis, de forma a agir rapidamente, para não deixar que outros decidam por nós.

Parece interessante lembrar como a igreja católica inglesa manteve a chama acesa e a educação católica ainda em período de perseguição.

Também pensemos que leis boas, são as que são aceitas, e cumpridas.

Temos que pensá-las e colocar-las na prática.

Temos que pensar em novas formas de pensar as leis, não somente nas formas de driblar a lei e de fazer disto algo aceitável por todos.

Será que o único tema a tratar é a corrupção? Não podemos levantar outro tema, como educação, vamos a começar a trabalhar nisso.

Outra observação é que necessitamos trabalhar por melhores condições para nossos professores, mas, também pensar em promover outros elementos que possam cativar os agentes da educação, que possam viver uma nova experiência, como a experiência de Cristo, que traz uma real nova criatura.

Como ser protagonista? Como levar o discurso à prática?

Temos que sair daqui com essa provocação na cabeça e no coração.

Como juntos podemos mudar a realidade, o que melhorará as pessoas, o processo produtivo, como trabalhar os valores, a subsidiariedade, como fazer que se reconheça o direito da sociedade e seu protagonismo, como o estado pode vir em auxílio dela e não o inverso.

A igreja tem força, isto é um fato, a campanha da fraternidade e exemplo disso. Como fazer que em alguns casos a imprensa possa se converter em uma aliada. O trabalho concreto e conjunto vai ir resolvendo os preconceitos,

como própria consequência do processo.

O que nos une e a fé em Jesus, a esperança de um mundo melhor, temos uma instituição humana e divina, com toda uma tradição acunhada ao longo dos anos e adequada aos tempos modernos.

Temos também a maior estrutura educacional. Devemos trabalhar sobre a fé que nos une, unidos na diversidade de cada um de nossos dons.

Temos que despojarmo-nos de nossos próprios preconceitos, voltar a estudar e agir em consequência, temos que criar uma nova civilização,
